

29-01-2021

MEU PRIMEIRO AMIGO

Alisson Azevedo

[Diretor de relações públicas da Associação dos Deficientes Visuais do Estado de Goiás - ADVEG]

Quando ele chegou eu tinha uns quatro, cinco anos; ele, uns dois ou três. Queria conversar, me contar (e principalmente me mostrar) coisas, mas não era muito bom com as palavras, nem eu podia compreender-lhe os gestos. Por ser mais velho e já versado na língua, virei seu professor de fonética. Sentávamos no banco do avô e empreendíamos um cansativo e eficaz exercício.

Ele: Matato...

Eu: Macaco.

Ele: Ma-ca-co.

Logo nos entendemos. Logo os adultos o entenderam. Era o improvável sucesso de um método superado, conforme vim a saber mais tarde pela fonoaudióloga que não tive. Provavelmente por causa da origem fonética da nossa amizade, meu amigo começou a me chamar de Cacá. E me ensinou a “brincar de luta”, a “dirigir caminhão”, como o pai dele, a “ver quem vinha lá longe” e a desfrutar a indizível liberdade de comprar, de mãos dadas, balas na loja da esquina.

Ele sabia que eu era cego. E era cuidadoso o meu amigo. Nenhum tropeço, nenhum tombo.

Mas também nem sombra do que depois eu chamaria de protecionismo. Era só o necessário cuidado com um amigo que (só) não via. E se a avó vigiava, a carinha dele era de poucos amigos. Às vezes brigávamos, por causa de uma luta ou de um ciúme qualquer. (Não diferem muito os motivos das brigas das crianças.) Mas sempre voltávamos ao nosso banco, àquele banco onde ele aprendera a falar e eu descobrira o olhar.

Primeiro cada um numa ponta, ambos sérios. Depois uma conversa, assim de viés, e por fim a reconciliação. Brindávamos com a “laranjinha”, um picolé no saquinho que a avó fazia ou comprávamos na vizinha.

Um dia ganhamos cada um uma flauta.

Para desespero dos ouvidos alheios, não paramos mais de tocar. Era pela flauta que um reconhecia a chegada do outro, e também era ela que embalava alguma saudade nossa, adquirida em mudança ou viagem.

Foi por essa época que nos dividiram entre as avós.

Gestão de pessoas: minha mãe faria uma rápida viagem e era impossível a uma só avó, ainda mais com um mal passageiro, cuidar de tão dinâmicas criaturas. Meu amigo ficou zangado. Nos sentamos cada um numa ponta do banco, mas dessa vez o diálogo avançou pouco: ele me acusou de falta de personalidade. Que eu não fosse! Eu prometi voltar logo, ele se ofereceu para ir junto, mas interviei a gestão de pessoas e o diálogo deu lugar à ausência.

No sábado seguinte, quando minha hospitaleira avó me chamou à sala de visitas, como fazia somente em dias de reza, tive pela primeira vez a intuição da morte. E ela anunciou o que eu pressentia:

- Morreu, foi pro céu...

Fora comprar “laranjinha” na vizinha, com um bom empregado do avô. Na volta, gritara um “... ver quem chega primeiro” e, na travessia, um imprevisto caminhão lhe partira a cabeça...

E a “laranjinha” do menino, e os nervos da avó, e as forças do avô, e a consciência do empregado, e o coração da cidade, e o mundo do outro menino.

Naquele período do luto em que a falta vira desesperança, encontrei, escondida nalguma gaveta, a flauta que ele tocava. E toquei durante uma tarde inteira, afligindo com a minha dor os ouvidos da família, que já não eram alheios. Extraviaram-me a flauta. Nunca mais a encontrei.

Até hoje a procuro. Amigos, encontrei alguns.

E já no primeiro encontro identifiquei - e identifico - aqueles da vida inteira.

Pensei que fosse algum sinal do coração, mas agora sei que, a cada nova (e grande) amizade, o que ouço é o toque da flauta doce daquele meu primeiro amigo.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.